

União Europeia e Mercosul: uma nova parceria

AS RELAÇÕES entre a União Europeia e a América Latina têm um longo historial. Mas, agora que certos países latino-americanos partiram para uma experiência de integração, pode indagar-se qual o futuro dessas relações no quadro do novo sistema internacional. Mais ainda, podem analisar-se os motivos que fazem com que a União Europeia apoie a experiência do Mercosul, bem como os interesses do Mercosul em aproximar-se da União Europeia, de modo a permitir uma nova parceria entre as duas regiões.

Apoio da União Europeia ao Mercosul

Existem fortes interesses que fazem a União Europeia acompanhar com atenção a evolução do Mercosul. O Mercosul é a segunda experiência concreta de um processo de integração que tem por objectivo a construção de um mercado comum. Como tal, tem um valor especial para um grupo de países que há quase quarenta anos partiram para uma experiência inédita. Apesar de se compreender a singularidade de cada processo de integração, é evidente que o modelo desenvolvido pela União Europeia acaba sendo transformado em ponto de referência. Por outras palavras, os sucessos ou fracassos da União Europeia reflectem-se noutros países que partem para a mesma experiência, com objectivos semelhantes.

Os processos bem sucedidos de integração partem de uma pré-condição básica, que é a de ser uma experiência compartilhada entre países democráticos. Mais ainda, a própria integração serve como garantia de que a pré-condição da democracia não só se mantenha como se fortaleça. Simultaneamente, a integração tem um impacto directo nas relações inter-estatais entre os seus membros. Sendo assim, a União Europeia tem interesse na experiência do Mercosul, na medida em que funciona

como factor de estabilidade democrática de uma região que há bem poucos anos passava por uma fase de supressão grave de direitos democráticos.

A experiência da integração obriga os parceiros a estabelecerem formas de cooperação e mecanismos operacionais que incentivam a procura de soluções para as suas divergências. O passado conflituoso dos países da América Latina, apesar de muito mais pacífico que o europeu, demonstra bem a importância do papel da integração como factor de organização de um grupo de países, contribuindo para uma nova fase de estabilidade, não só nas relações bilaterais como, globalmente, perante o sistema internacional.

O fortalecimento da integração entre Estados democráticos tende a favorecer o surgimento de pólos abertos, ao invés de blocos fechados, no cenário internacional. Os interesses comerciais, de investimento e de tecnologia, as forças dinâmicas do mundo de hoje que impulsionam os processos de globalização da economia, tendem a manter o mundo aberto aos interesses cruzados, principalmente entre pólos integrados. Pólos abertos podem manter relações privilegiadas com outros pólos ou regiões, como a União Europeia com a Europa central, os países mediterrânicos e os países da África, Caraíbas e Pacífico, ou o Mercosul com o NAFTA.

O sucesso da experiência integradora do Mercosul é do interesse da União Europeia na medida em que o novo espaço passa a ter peso diferenciado nos organismos internacionais. A União Europeia já demonstrou ao mundo a sua capacidade de coesão em assuntos comerciais, especialmente dentro do GATT. Actualmente, com o Tratado de Maastricht, parte para uma experiência nova, tentando conseguir também a coesão nos temas de política externa. Os países da América Latina, em separado, têm pouco peso nas negociações internacionais, dado o tamanho relativo de suas economias. Como espaço integrado, o Mercosul passa a ter um peso diferenciado e, como tal, maior poder de negociação, não só na área do comércio como nos temas de política externa, bem como no quadro da onu.

Pelo facto de transcenderem a simples zona de comércio livre, a União Europeia e o Mercosul podem encontrar, designadamente no quadro da OMC, plataformas de acção visando um ordenamento do mundo estruturado à sua semelhança.

No concreto, o interesse da União Europeia no Mercosul reside no facto de que, se este vingar, o novo mercado induzirá um aumento do fluxo de importações da União, compostas de bens e serviços tecnologicamente avançados, que a União Europeia tem certamente interesse em exportar, além do incremento do investimento externo europeu.

Aproximação do Mercosul à União Europeia

Também o Mercosul tem interesse em estabelecer uma nova parceria com a União Europeia. Se o relacionamento da União Europeia com a América Latina era fragmentado e difuso, dada a heterogeneidade dos países latino-americanos, tal atitude mudou sensivelmente. A partir da criação do Mercosul, os idealizadores desse novo mercado comum procuraram, se não um modelo que pudesse ser copiado, pelo menos uma fonte de inspiração de como operacionalizar a integração. As experiências da Comunidade Europeia e da União Europeia passaram a ser foco de análise detalhada por políticos, funcionários e empresários latino-americanos.

Com o início de um novo tipo de diálogo entre União Europeia e Mercosul, e com novos temas na agenda, o Mercosul tem agora condições de mudar o curso da negociação, substituindo a antiga «agenda assistencial» por uma nova «agenda de interesses comuns».

Os temas de apoio às regiões menos favorecidas da América Latina podem agora dar lugar aos temas de cooperação entre parceiros que têm interesses a negociar, tais como a resolução de problemas operacionais do processo de integração, a procura de soluções para questões técnicas de criação de uniões aduaneiras e instrumentos de protecção comercial dentro de espaços integrados. Mais ainda, a gestão de problemas de interesse mútuo como o combate às drogas e as questões ecológicas. Os próprios problemas criados por interesses comerciais divergentes passam a ter também um carácter integrado, ultrapassando o relacionamento anterior de país a país.

A concretização do Mercosul produz um novo estatuto de negociação entre os países da América Latina e o NAFTA. Por serem espaços abertos de integração, nada impede que se construam relações múltiplas entre eles. Concretamente, o Mercosul fortalece a posição de seus integrantes perante o NAFTA e, mais especificamente, mantém um maior

poder de negociação perante as propostas de uma eventual integração hemisférica.

A grande questão que se coloca é assim, saber como pode evoluir uma nova diplomacia desses espaços integrados, e que tipo de relações a sua existência irá determinar. Mais precisamente, como se irão desenvolver as relações União Europeia e Mercosul, Mercosul e NAFTA, e ainda as relações entre União Europeia e NAFTA. O surgimento dos novos espaços integrados cria assim o desafio do multi-regionalismo nas relações internacionais — as relações entre várias experiências concretas de integração.

Finalmente, é importante frisar que a constituição do Mercosul recoloca sob um novo prisma todo o relacionamento comercial entre a União Europeia e o Mercosul.

O Brasil tem na União Europeia o principal parceiro comercial, mas é um país que se define como *global trader*, uma vez que tem nos Estados Unidos, na América do Sul e no espaço asiático parceiros também importantes. Os produtos de maior relevo na pauta do Brasil para a União Europeia são alimentos, principalmente os do complexo soja, suco de laranja, carnes, além de minérios e metais. Para a Argentina, a União Europeia é o principal parceiro comercial fora da zona latino-americana, tendo uma posição dominante perante os demais parceiros comerciais. Os principais produtos da pauta argentina são também alimentos, principalmente carnes e derivados de soja.

O Mercosul tem na União Europeia o principal parceiro comercial, concentrando a sua pauta em produtos agrícolas e alimentares. Os pontos de atrito entre os dois espaços resultam das regras de acesso ao mercado europeu impostas pela Política Agrícola Comum para numerosos produtos que estes países estão vocacionados para exportar. As barreiras fitossanitárias reforçam a protecção comunitária neste sector.

Novos temas também passam a ser de interesse na agenda comercial entre União Europeia e Mercosul: como ampliar o fluxo de investimentos cruzados entre esses dois espaços, como ampliar o fluxo de tecnologias da União Europeia para o Mercosul, e principalmente, como incentivar os agentes económicos a participar num movimento de implantação de tecnologias, fomento de investimentos e fluxos de comércio, resultando em produtos industriais novos e em trocas intra-industriais em que o Mercosul seja agente activo.

Esta agenda pressupõe uma intensa cooperação horizontal no campo da ciência e tecnologia finalizada. A protecção dos produtos do saber comum tem neste quadro a sua razão de ser, em conformidade aliás com as normas da Organização Mundial de Comércio sobre a propriedade intelectual. A normalização deve também ser contemplada.

Um novo horizonte para as relações União Europeia — Mercosul

Seguindo esta ordem de ideias é possível encontrar pontos de convergência, no domínio analítico, que sejam do interesse tanto da União Europeia como do Mercosul, e que façam parte de um esforço conjunto de compreender as consequências da mundialização dos problemas sem, contudo, esquecer as diferenças e a necessidade de proteger as sociedades abertas.

Por um lado, é a Europa uma rica encruzilhada de experiências, hoje fortalecida pela chegada à democracia dos países do centro e de leste. Por outro lado, é a América uma continuação natural do velho continente abrangendo não apenas o norte, mas também a América Latina, que é uma realidade definida, que participa fortemente de raízes culturais comuns às da Europa, enriquecida pelo diálogo e interacção entre culturas.

Daí a necessidade de basear a cooperação internacional entre a Europa e as Américas, espaços de democracia, de heranças comuns, de encontro de comunidades plurais de destinos e valores, nos seguintes pontos:

- Total apoio ao desenvolvimento de processos de integração regional abertos, paralelos e complementares.
- Aperfeiçoamento das diversas formas de integração regional e de associação inter-regional, com o objectivo de favorecer o comércio livre e a cooperação para o desenvolvimento económico e social.
- Apoio activo às reformas democráticas e constitucionais e à criação de mecanismos regionais e inter-regionais de protecção dos direitos humanos e de legitimidade democrática.
- Estabelecimento de novos mecanismos para a resolução de diferendos comerciais, dentro e fora do GATT, e apoio às reformas que tenham claramente em conta a realidade das integrações económi-

cas dentro da Organização Mundial do Comércio, de modo a criar um novo marco para a expansão do comércio e dos investimentos.

- Criação de estruturas formais e informais, visando uma melhor informação mútua e um levantamento rigoroso dos interesses comuns e dos interesses divergentes entre as duas partes.
- Apoio à assunção pela ONU de um papel mais activo na segurança colectiva mundial, com efectiva partilha de responsabilidades e uma adaptação da organização às novas circunstâncias pós-guerra fria e aproveitamento dos processos regionais de integração e cooperação como base de uma futura reforma do sistema das Nações Unidas.

Trata-se, assim, de romper com a lógica dos espaços fechados, contrapondo-lhe a formação de espaços integrados abertos que contrariem a fragmentação e que favoreçam a criação de novos instrumentos de regulação democrática dos conflitos.

Os processos de integração são vias de racionalidade e de intercâmbio criador, que a globalização dos problemas exige e que a internacionalização das economias e dos mercados torna absolutamente indispensáveis.

Para que uma nova relação entre o Mercosul e a União Europeia se possa desenvolver, é igualmente essencial que a cooperação não se limite às instituições oficiais dos processos de integração ou às agências governamentais. As relações inter-sociais, sobretudo quando há tão importantes afinidades culturais, devem ter um papel de destaque. Para além dos empresários, cujos interesses mútuos são rapidamente perceptíveis, importa que os esforços de contacto se desenvolvam ao nível das organizações não governamentais, das universidades e de outras instâncias sociais e culturais, contribuindo não só para o reforço das relações entre as duas regiões como também abrindo vias para a acção conjunta noutros pontos do globo.

A exemplo do que acontece no interior de cada espaço de integração, em que os contactos entre as diferentes sociedades crescem, permitindo uma circulação de ideias e um contacto de culturas, também a relação entre espaços integrados deve permitir o contacto entre as sociedades, contribuindo de forma significativa para a expansão e desenvolvimento de sociedades abertas.